

# Cartilha: O racismo presente nas palavras e expressões no português brasileiro



**Realização:**



**Apoio:**



**Título**      **Cartilha: O racismo presente nas palavras e expressões no português brasileiro**

**Autor**      **Ana Caroline Amorim Oliveira, Jaison Castro, Antonio Lázaro da Silva Escorcio, Arnaldo Rodrigues da Silva, Deiliane Vanessa da Silva, Francisca Maria Ramos Silva, Fabisnaldo Pereira da Silva, Juliana Nascimento Silva, Matheus Mendes de Carvalho, Marielle Costa Santos, Rahynara de Jesus Mescouto Campelo, Sheylane Oliveira da Costa, LucélioSilva de Barros, Maurideia Lopes Ramos**

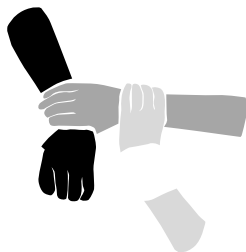
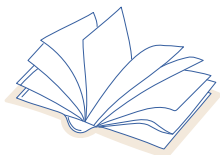
**Capa**              **Antonio Lázaro da Silva Escorcio, Ana Caroline Amorim Oliveira**

**Projeto gráfico**      **Antonio Lázaro da Silva Escorcio, Ana Caroline Amorim Oliveira**

**Revisão**      **André Pereira Bogéa, Josinelma Ferreira Rolande**

**Páginas**      **53**

**Edição**      **1a edição - Abril de 2022**



# Cartilha: O racismo presente nas palavras e expressões no português brasileiro



**Realização:**



**Apoio:**





Universidade Federal do Maranhão  
Reitor Prof. Dr. Natalino Salgado Filho  
Vice-Reitor Prof. Dr. Marcos Fábio Belo Matos  
Prof. Dr. Angelo Rodrigo Bianchini  
Coordenador Institucional  
PIBID/UFMA/CAPES

Capa *Antonio Lázaro da Silva Escorcio, Ana Caroline Amorim Oliveira*  
Projeto gráfico e diagramação *Antonio Lázaro da Silva Escorcio, Ana Caroline Amorim Oliveira*  
Revisores *André Pereira Bogéa, Josinelma Ferreira Rolande*

---

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Cartilha: O racismo presente nas palavras e expressões no português brasileiro / Org. Ana Caroline Amorim Oliveira ... [et al.]; revisão André Pereira Bogéa, Josinelma Ferreira Rolande. São Luís: EDUFMA, 2022. 53 p. : E-book : il. color.

Vários autores.  
Inclui bibliografia.  
Disponível em:  
ISBN:

1. Racismo - Negros - Indígenas. 2. Vocabulário brasileiro - Expressões racistas. 3. Brasil. I. Oliveira, Ana Caroline Amorim. II. Universidade Federal do Maranhão. III. Título.

CDU 323.12(81)(075.2)

---

Elaborada pela Bibliotecária: Laís Dayane Lima Pereira Maia CRB-13/735

# Apresentação

A presente cartilha intitulada “ O racismo presente nas palavras e expressões no português brasileiro” é fruto do Subprojeto “As Ciências Humanas e a diversidade étnico-cultural: educação e interdisciplinaridade” (2020-2022) do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID do Curso de Ciências Humanas/Sociologia, Campus São Bernardo da Universidade Federal do Maranhão-UFMA.

Esta cartilha tem como objetivo refletir sobre o racismo em relação ao povo negro e aos povos indígenas, presente no nosso vocabulário e que foi naturalizado colonizando o nosso imaginário coletivo enquanto brasileiros.

Ao nos debruçarmos sobre a origem histórica, sociocultural e econômica das nossas palavras e expressões que compõem o português brasileiro podemos desvelar o que a nossa consciência quer esconder: o racismo em relação aos negros e aos indígenas.

Este material elaborado pelos pibidianos, supervisor, coordenadora e professores da CE Dr. Henrique Couto, município de São Bernardo (MA), faz um convite à reflexão e à transformação para repensarmos sobre o nosso passado e presente enquanto sociedade interétnica e multicultural.

Vamos juntos/as/es?

# Prefácio

O racismo não está presente apenas nas ações - ele também se esconde nas palavras e expressões de uma língua. Conhecer essas palavras e expressões é fundamental para que se possa combatê-lo.

Nesses termos, o PIBID entrega a sua contribuição, fruto de muitos debates, estudos e muito trabalho. A cartilha “O racismo presente nas palavras e expressões no português brasileiro” é uma forma sucinta e didática direcionada especialmente aos alunos do Ensino Médio do Centro Educacional Dr Henrique Couto, escola da rede estadual do estado do Maranhão, onde foi desenvolvido essa etapa do projeto.

Desafios não foram poucos, não apenas para o PIBID, mas para todo o sistema de ensino, que em meio à pandemia da COVID-19, que teve que se reinventar. Desafios ainda maiores especificamente em nossa escola, carente de recursos e com estrutura precária, alunos em sua grande maioria residentes na zona rural, onde o acesso à internet muitas vezes não existia.

E assim, prosseguimos sem desanimar, reuniões semanais em plataformas on-line, sugestões de leituras, pesquisa de campo. O subprojeto PIBID constitui-se uma ferramenta importante tanto na formação dos futuros docentes como na formação continuada do professor-supervisor, que sob a brilhante orientação da coordenadora Professora Doutora Ana Caroline Amorim Oliveira nos conduziu durante o projeto. A análise minuciosa de documentos, leis, livros, vídeos, não contribuíram apenas para a elaboração da cartilha, mas também deixará um legado de valioso conhecimento que, sem dúvida, se multiplicará entre nossos alunos e conseqüentemente, na sociedade.

Ainda há muito a ser feito. Ainda há muito a ser discutido. Que esse pequeno trabalho possa ajudar a esclarecer as injustiças que vêm sendo impostas há séculos ao nosso povo.

Entregamos com satisfação e a sensação de dever cumprido, essa cartilha, na esperança de que possa contribuir para formação de nossos alunos e, também, para que possa inspirar novos trabalhos direcionados para esse tema tão polêmico.

Prof. Jaison Castro  
Supervisor do PIBID  
C E Dr Henrique Couto

1

.....

## "A coisa tá preta"

Expressão racista que faz uma associação entre a cor "preta" e uma situação desconfortável, desagradável.

---

**SUBSTITUIR por: Situação desconfortável, desagradável, difícil, perigosa.**





**2**

.....

## **"Da cor do pecado"**

Expressão que reforça a objetificação e a sexualização do corpo negro, especialmente, das mulheres negras.

---

**SUBSTITUIR por: Não utilizar.**

# 3

.....

## "Inveja branca"

Ideia da cor branca como algo positivo, associando a cor preta a comportamentos negativos.

---

**SUBSTITUIR por: Inveja é inveja, troque por um elogio.**



# 4

.....

## "Preto de alma branca"

Tentativa de elogiar uma pessoa negra fazendo referência a dignidade dela como algo pertencente apenas às pessoas brancas.

---

**SUBSTITUIR por: Boa pessoa.**

# 5

.....

## "Mulata"

Derivado da palavra "mula" que se refere ao cruzamento do cavalo com a jumenta ou do jumento com a égua. A expressão é ainda mais pejorativa quando seguida de "tipo exportação", pois reitera a visão do corpo da mulher negra como mercadoria.

---

**SUBSTITUIR por: Você deve se referir a pessoa pelo nome ou questioná-la como ela prefere ser descrita.**

# 6

.....

## "Morena"

Termo utilizado para caracterizar uma pessoa branca de cabelos pretos, usado para afastar a negritude de uma pessoa. É utilizada para evitar a caracterização de uma pessoa como “negra”, acreditando que isso seria ofensivo.

---

**SUBSTITUIR por: Você deve se referir a pessoa pelo nome ou questioná-la como ela prefere ser descrita.**



7

.....

## "Crioulo/Negão"

Era a designação do filho de pessoas escravizadas. É um termo extremamente pejorativo e discriminador do indivíduo negro ou afrodescendente.

---

**SUBSTITUIR por:**

**Não utilizar**



8

.....

## "Cor de pele"

Aprende-se desde criança que "cor de pele" é aquele lápis meio rosado, meio bege. Esse termo é errado pois evidencia a referência eurocêntrica de cor da pele associado unicamente a uma pessoa branca desconsiderando a diversidade de tons de peles existentes na sociedade brasileira.

---

**SUBSTITUIR por : Rosa claro/bege.**

# 9

.....

## "Doméstica"

Negros eram tratados como "animais rebeldes" e que precisavam de "corretivos", para serem "domesticados". O termo possui origem nas mulheres negras que trabalhavam dentro da casa das famílias brancas e eram consideradas "domesticadas".

---

**SUBSTITUIR por: Trabalhadora/  
funcionária/ secretária do lar.**



# 10

.....

## “A dar com pau”

Expressão originada nos navios negreiros. Muitos dos capturados preferiam morrer a serem escravizados e faziam greve de fome na travessia entre o continente africano e o Brasil. Para obrigá-los a se alimentar, um “pau de comer” foi criado para jogar angu, sopa e outras comidas pela boca.

---

**SUBSTITUIR por: Bastante.**

11  
.....



## “Meia tigela”

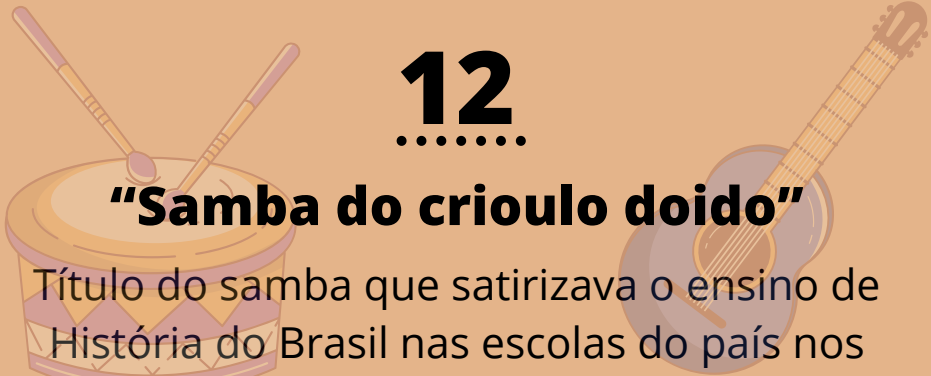
Os negros que trabalhavam à força nas minas de ouro nem sempre conseguiam alcançar as quantidades exigidas pelos malfeitores. Quando isso acontecia, recebiam como punição apenas metade da tigela de comida e ganhavam o apelido de “meia tigela”, que hoje significa algo sem valor e medíocre.

**SUBSTITUIR por: Mal feito, sem valor, medíocre.**

# 12

.....

## “Samba do crioulo doido”



Título do samba que satirizava o ensino de História do Brasil nas escolas do país nos tempos da ditadura, composto por Sérgio Porto(1923-1968). Ele assinava com o pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta. Tal expressão debochada, que significa confusão ou trapalhada, reafirma um estereótipo e a discriminação aos negros.

---

**SUBSTITUIR por :**  
**Confusão/Trapalhada.**

# 13

.....

## “Ter um pé na cozinha”

Forma racista de falar de uma pessoa com origem afrodescendente. Infeliz recordação do período da escravidão em que o único lugar permitido às mulheres negras era a cozinha da casa grande. Uma realidade ainda longe de mudar no Brasil.

---

**SUBSTITUIR por: Não utilizar.**



# 14

.....

## “Negro(a) de traços finos”

A mesma lógica do clareamento se aplica à “beleza exótica”, tratando o que está fora da estética branca e europeia como incomum.

---

**SUBSTITUIR por: Bonita(o).**



15

.....

## “Cabelo ruim”

Fios “rebeldes”, “cabelo duro”, “carapinha”, “mafuá”, “piaçava” e outros tantos derivados depreciam o cabelo afro. Por vários séculos, causaram a negação do próprio corpo e a baixa autoestima entre as mulheres e homens negros.

---

**SUBSTITUIR por: cabelo afro,  
crespo, cacheado.**

22

# 16

.....

## “Não sou tuas negas”

As mulheres negras escravizadas eram literalmente propriedade dos homens brancos e obrigadas a satisfazer seus desejos sexuais.

Os assédios e estupros eram recorrentes.

Portanto, além de profundamente racista, o termo é carregado de machismo.

---

**SUBSTITUIR por: Me  
respeite!**

# 17

.....

## “Denegrir”

Sinônimo de difamar, possui na raiz da palavra o significado de “tornar negro”, como algo maldoso e ofensivo, “manchando” uma reputação antes “limpa”.

---

**SUBSTITUIR por:**  
**Difamar.**





# 18

.....

## “Serviço de preto”

Mais uma vez a palavra "preto" aparece como algo ruim. Esta expressão faz uma associação racista ao trabalho realizado pela pessoa afrodescendente.

---

**SUBSTITUIR por:**

**Tarefa malfeita/ realizada de forma errada.**

# 19



**“Mercado negro”, “mágia negra”, “lista negra”, “ovelha negra”, “gato preto”**

Expressões que são utilizadas com tanta naturalidade que não se percebe a conotação negativa que tem para a pessoa afrodescendente. São expressões em que a palavra "negro" e "preto" representa algo pejorativo, prejudicial, ilegal.

**SUBSTITUIR por: Mercado clandestino/ lista proibida/ humor ácido/ rebeldia.**

# 20

.....

## “Feito nas coxas”

Antigamente, as telhas das casas eram moldadas nas coxas das pessoas escravizadas e cada corpo é diferente, as telhas não ficavam no mesmo formato e, por isso, estariam malfeitas por ficarem irregulares e mal encaixadas.

---

**SUBSTITUIR por:**  
**Mal feito.**



# 21

.....

## “Criado mudo”

Era a pessoa escravizada que ficava em pé, ao lado da cama do dona da casa grande a noite inteira em silêncio, em geral, segurando água e objetos para servir os “senhores”.

---

**SUBSTITUIR por:**

**Mesa de  
cabeceira.**





# 22

.....

## “Tem carvão nesse angu”

A expressão se refere a estratégia de resistência realizada pelas pessoas escravizadas para se alimentarem. Quando o prato era composto de angu de fubá, o que acontecia com frequência, a mulher escravizada que lhes servia por vezes conseguia esconder um pedaço de carne ou alguns torresmos embaixo do angu.

---

**SUBSTITUIR por: Aí tem coisa!**



29

# 23

.....

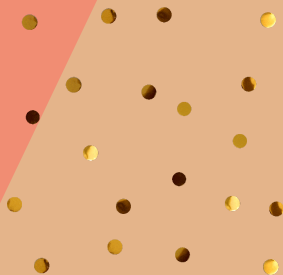


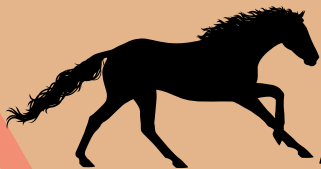
## “Bucho cheio/encher o bucho”

Durante o período escravocrata, nas minas de ouro, os escravizados apenas se alimentavam quando conseguiam preencher com ouro um buraco na parede conhecido como “bucho”.

---

**Substituir  
por: Bem  
alimentado,  
satisfeito.**





# 24

.....

## "Lavei a égua!"

Expressão que possui origem devido a uma prática de resistência das pessoas escravizadas. Durante o período da exploração do ouro, os escravizados tentavam esconder algumas pepitas debaixo da crina do animal, ou esfregavam ouro em pó em sua pele, para poder comprar a sua liberdade. E, ao saírem das minas, iam lavar o animal com o objetivo de recuperar o ouro escondido.

---

**SUBSTITUIR por: Querer se aproveitar/se dar bem.**

**31**

# 25

.....

## “Nhaca”



Termo racista para referir-se ao mal cheiro, forte odor das pessoas afrodescendentes. No entanto, Inhaca é uma Ilha de Maputo, em Moçambique, onde vivem até hoje os povos Nhacas, um povo Ban.

---

**SUBSTITUIR por: Sujeira, forte odor.**



# 26

.....

## “Disputar a nêga”

Possui sua origem não só na escravização, como também na misoginia e no estupro. Quando os “senhores” jogavam algum esporte ou jogo, o prêmio era uma mulher negra escravizada.

---

**SUBSTITUIR por:**  
**Desempatar.**

# 27

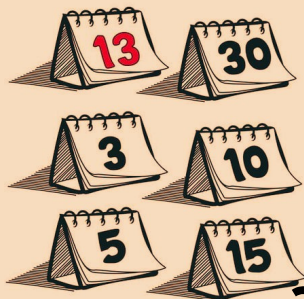
.....

## “Amanhã é dia de branco”

Expressão originada na ideia que não era considerado trabalho as atividades que as pessoas negras e indígenas faziam e fazem reforçando o entendimento de que apenas pessoas brancas trabalhavam.

---

**SUBSTITUIR por:  
Segunda-feira/Dia  
de trabalho.**



# 28

.....

## “Nega maluca”

Nega-maluca é uma expressão racista para o bolo de chocolate. Bolo muito popular em Portugal e no Brasil. É feito com chocolate, farinha de trigo, açúcar e ovos. Normalmente, leva uma cobertura feita com chocolate e leite condensado, ou brigadeiro.

---



**SUBSTITUIR por:**

**Bolo de  
chocolate.**

**35**



# 29

.....



## “Macumbeiro/Galinha de macumba/ Chuta que é macumba”

Expressões que discriminam as(os) praticantes de religiões de matriz africana.

O termo "Macumbeiro" se refere a pessoa que toca um **instrumento musical** chamado **macumba**, portanto, a macumba (instrumento musical) existe para executar música.

---



**SUBSTITUIR por:**  
**Não utilizar.**

# 30

.....

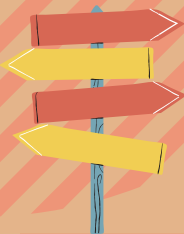


## “Indiada”

O termo é pejorativo em relação aos povos originários. Utilizado para descrever um passeio, atividade ou viagem que não deu muito certo, algo trabalhoso, difícil ou até mesmo chato.

---

**SUBSTITUIR por:**  
**Atividade ruim,**  
**viagem chata.**





# 31

.....

## “Judiaria”



Do verbo “judiar”, significa tratar como os judeus foram tratados. A palavra possui uma carga negativa e preconceituosa em relação ao povo judeu e sua história. É usado como sinônimo de fazer sofrer, atormentar, maltratar ou ainda com tom de pena.

**SUBSTITUIR por: Sofrimento,  
maltrato.**



# 32

.....

## “ÍNDIO”

Termo equivocado dado pelos invasores europeus ao pensarem que estavam chegando na Índia. Os milhares de povos originários que já viviam nos territórios que foi posteriormente configurado como Brasil já possuíam seus nomes, línguas, memória, história, cultura e ancestralidade.

---

**SUBSTITUIR por: Povos originários/Povos indígenas.**

# 33

.....

## “Programa de Índio”

É uma expressão preconceituosa de conotação negativa em relação aos povos originários reforçando o apagamento cultural dos mesmos que são diversos e plurais.

---

**SUBSTITUIR por: Não utilizar.**



# 34

## “Você morá em uma tribo?”

Tribo é um termo evolucionista que compreende que toda a humanidade seguiria apenas um caminho linear de “desenvolvimento” tendo como fim a civilização ocidental e europeia. Todos os outros povos estariam no estágio da “selvageria” ou “barbárie”. O evolucionismo é uma ideologia racista.

**SUBSTITUIR por: Você pertence a qual povo?/ Você mora em qual aldeia?**

# 35

.....

## “Índio é preguiçoso, não gosta de trabalhar”

Os invasores europeus divulgaram a ideia de que os indígenas não gostavam de trabalhar em razão da recusa dos indígenas em serem escravizados, bem como, os povos africanos, que sempre resistiram a escravização. Ao dizer que os indígenas não gostam de trabalhar é reforçada a ideia de que apenas as pessoas brancas trabalham.

---

**SUBSTITUIR por: Não utilizar.** 42

# 36

.....

**"Índio tem celular?/ "Índio andando de carro?"/ "Índio de verdade não tem celular"/ "Índio de verdade não vive na cidade"**

Concepção equivocada sobre os povos originários compreendendo-os como parados no tempo sem mudanças e transformações históricas. Os povos indígenas como qualquer outra sociedade completa e complexa mudam, vivem os processos históricos e compõem a história. Não são suas vítimas ou espectadores.

**SUBSTITUIR por: Não utilizar.**

# 37

.....

## “Fantasia de índio”

As culturas dos povos originários não são fantasia e, tampouco, é uma homenagem. Se “fantasiar de índio” é reforçar estereótipos coloniais generalizando a ideia de que existe apenas um “índio” selvagem e folclórico preso no passado. As “fantasias de índia” propagam de forma violenta a fetichização e hiperssexualização dos corpos das mulheres indígenas, contribuindo diretamente com aumento da violência e com o abuso sexual às mulheres indígenas, fator que se soma à cultura do estupro.

---

**SUBSTITUIR por: Não utilizar.**

# 38

.....

## **“Vocês que são pardos que se entendam/Vocês que são brancos que se entendam”**

A versão mais aceita do surgimento desse ditado é do século XVIII, quando um capitão de regimento considerado "mulato" teve uma discussão com um de seus comandados, também entendido como "mulato" e fez queixa a seu superior, um oficial português branco. O capitão reivindicava uma punição ao soldado que o desrespeitara. Seu superior português respondeu com a seguinte frase “vocês que são pardos que se entendam”. O oficial recorreu ao vice-rei do Brasil na época, dom Luís de Vasconcelos(1742-1807), que mandou prender o oficial português. Sendo essa uma das primeiras punições contra o racismo no Brasil. Ao longo do tempo a expressão se transformou no que é usada hoje “eles que são brancos que se entendam” (ROSSONI, 2013).

---

**SUBSTITUIR por: Não utilizar. 45**

## Pós-facio

A linguagem é um instrumento de comunicação, construção, inclusão e propagação da consciência coletiva, por isso, analisar a origem e os significados de ditados populares que reforçam o racismo, a xenofobia e a misoginia, constitui-se em uma tarefa árdua e imprescindível. Expor o racismo “velado” que sempre se expressou no cotidiano social é essencial.

Reeducar o imaginário popular com outras expressões que não segregam, oprimem, desumanizam e objetificam outros seres humanos é um trabalho que requer sensibilidade, persistência, visibilidade e acessibilidade. Por isso, esta cartilha é um instrumento de enfrentamento às estruturas racistas que organizam a sociedade brasileira.

Essas estruturas racistas que construíram este país foram alicerçadas em um passado colonialista e escravocrata que moldou os corpos, mentalidades e os corações da sociedade brasileira. Quando falo do corpo, refiro-me aos corpos negros que foram escravizados e controlados pelo biopoder que além do controle de vida, exerce o controle de morte, de acordo com Mbembe, o necropoder exercido pelo Estado, que decide quem vive e quem deixa de viver na sociedade, tais sanções só são sofridas

toda sua potência pela população negra, que historicamente sofre com o racismo que se estrutura sobre suas cosmologias, suor, lágrimas e identidades.

Esta cartilha possibilita ao leitor conhecer a esfera mais “sutil” do racismo, e quando me refiro a sutileza, falo em como as estruturas do racismo escamoteiam suas raízes e ferem aqueles que são alvos de tais violências, que dentro desta esfera de “sutil” se apresenta como simbólica, mas há uma linha tênue que a separa da violência física.

É na linguagem que podemos identificar a verbalização do racismo no cotidiano, posto que a língua é um veículo de ligação entre a cultura e o pensamento, de acordo com Claude Lévi-Strauss.

Não há possibilidade de construção ou desconstrução cultural sem a linguagem, sem levar em consideração que ao falar “a coisa tá preta” reforça-se o estereótipo de que as coisas pretas são ruins. E por que o ruim está associado ao preto? Logo, trazer tais ditados populares, seus significados e origens racistas, misóginos e xenofóbicos, possibilita que a/o leitora/leitor tenha conhecimento que nada é naturalmente dado, tudo é construído de estruturas erguidas a partir de ideologias racistas que separam a humanidade em “raças”, intencionalmente para oprimir, explorar e desumanizar quem era/é diferente.

O que conhecemos como Brasil é resultado de invasões, genocídio, pilhagem e racismo, um processo colonizador eurocêntrico. Logo, a mensagem que fica é que se o Brasil e todas as suas estruturas colonialistas que outrora foram construídas, podem agora ser desconstruídas e erguidas a partir de uma lógica horizontal que respeite a diversidade étnica, cultural, linguísticas e social dos povos que constituem a sociedade entendida homogeneamente como brasileira.

Profa. Me. Ana Paula Silva Oliveira  
Antropóloga e Pesquisadora do GEPEX – LIDA/UEMA



## Referências bibliográficas

- SANTANA, Isa. 3 razões para parar de usar "fantasia de índio". Disponível em : <https://www.visibilidadeindigena.com/post/3-raz%C3%B5es-para-parar-de-usar-fantasia-de-%C3%ADndio> Atualizado: 17 de mai. de 2020. Acesso em: 05.03.2022
- SOARES, Leonardo Barros. O racismo contra povos indígenas e o mito do índio improdutivo. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/594690-o-racismo-contrapovos-indigenas-e-o-mito-do-indio-improdutivo-artigodeleonardo-barros-soares> Acesso em : 05.03.2022
- FECOMERCIO. Vamos repensar nosso vocabulário? Racismo Sutil. Novembro, 2020. Disponível em: <file:///D:/Documents/PIBID2021/CARTILHA/Cartilha-Palavras-Racistas.pdf> Acesso em: 05.02.2022
- MINISTERIO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL E TERRITORIOS. O racismo sutil por trás das palavras. Disponível em: <file:///D:/Documents/PIBID2021/Alt-O-racismo-sutil-por-tra%CC%81s-das-palavras-1-1-2.pdf> Brasília: 2020.
-

- DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Direitos Humanos e o Combate ao Racismo. s/d. Disponível: <file:///D:/Documents/PIBID2021/11095409-cartilha-combate-ao-racismo-impressao.pdf> Acesso em : 05.03.2022
- MUNDURUKU, Daniel. Índio ou indígena. In: Canal Daniel Munduruku no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4Qcw8HKFQ5E> Acesso em: 17 de março de 2022.
- MÉNDEZ, Chrystal. 18 expressões racistas que você usa sem saber. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/18-expressoes-racistas-que-voce-usa-sem-saber/> Acesso em: 05.03.2022
- ROSSONI, Fábila Carla. O Racismo no Idioma. 2013. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/www.geledes.org.br/o-racismo-no-idioma/%3famp=1>

# Agradecimentos

Esta cartilha só foi possível em virtude do Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência -PIBID financiado pela CAPES-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Agradecemos as Escolas Débora Correia Lima e Henrique Couto, aos supervisores Marta Almeida e Jaison Castro, aos estudantes das respectivas escolas e, principalmente, aos pibidianos do Subprojeto do Curso de Ciências Humanas/Sociologia de São Bernardo. Que esta cartilha possa contribuir com a escola pública maranhense e brasileira.

Obrigada!

Ana Caroline Amorim Oliveira

Coordenadora do Subprojeto de Sociologia do Curso de Ciências Humanas/Sociologia(2020-2022), Campus de Ciências de São Bernardo da Universidade Federal do Maranhão-UFMA.

